

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		1 de 16									

MARTIN, R.

1956. *L'Urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris, A. J. Picard: 275-290.

[tradução: Silvana Trombetta; revisão NEL - Labeca]

Os edifícios de ginástica e os teatros

Dois tipos de edifícios tornaram-se, tal qual os templos e a ágora, elementos essenciais da cidade grega: o ginásio e o teatro, pois eles são expressão de duas funções primordiais da cidade. Um dos traços mais originais da cultura grega é a importância da ginástica e do atletismo na formação e na vida do cidadão. Ginástica e música são, no século VI a.C., os elementos fundamentais da educação ateniense e nos séculos seguintes a prática de esportes “torna-se um dos traços dominantes da vida dos gregos, que diferencia estes dos bárbaros. O esporte para os gregos não é somente um divertimento apreciado, é algo muito sério que se liga a todo um conjunto de preocupações higiênicas e medicinais, estéticas e éticas. Assim, a educação física é um dos aspectos essenciais da iniciação à vida civilizada – à educação”¹. A efebria, na qual o jovem ateniense adentra quando completa 18 anos, marca a perfeição desta educação, assegurada quase que integralmente pelo Estado. Formação esportiva e militar, completada por uma educação política e, a partir do final do século V a.C., por uma cultura intelectual geral, a respeito da qual Isócrates formulou os fundamentos em seus diversos tratados: este ciclo de estudos constitui a paidéia grega. As cidades não possuem escolas nem universidades, são os ginásios que se tornam os centros de educação, locais onde, em épocas remotas, se dava uma formação puramente esportiva e militar. Os mestres da juventude grega: sofistas e filósofos, ensinavam nos ginásios. As universidades da Grécia antiga se desenvolviam em torno das palestras. Isto é a tal ponto significativo que os nomes dos três principais ginásios de Atenas foram associados aos das mais célebres escolas filosóficas do século IV a.C: Platão e a Academia, relacionada ao ginásio de Academo; Antístenes e os cínicos, ao de Cinosargo; Aristóteles e os peripatéticos, ao do Liceu.

Uma vez mais, se nos referirmos aos apelos modernos, nós encontraremos na cidade grega um conjunto comparável, por suas funções, a um elemento

1 H. I. Marrou .*Histoire de l'éducation dans l'antiquité* : 165-87. J. Delorme gentilmente nos comunicou as conclusões de um vasto estudo que ele empreendeu sobre os ginásios gregos (tese defendida na Sorbonne em 25 de junho de 1955), o que prontamente agradecemos.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		2 de 16									

contemporâneo que nossos arquitetos urbanos tem em alta conta: os ginásios são a exata expressão destes “centros culturais” que se impõem nas cidades modernas e, a estrutura arquitetônica dos ginásios foi determinada pelas necessidades daquela função cultural cuja complexidade aumenta no decorrer dos séculos, seguindo a evolução da paidéia.

Em seu estudo sobre os ginásios, J. Delorme² distingue dois períodos na história no que tange a relação entre ginásio e planejamento urbano. Até o final do século V a.C., os edifícios de ginástica se localizavam fora dos muros da cidade, separados da aglomeração, mais comumente em um subúrbio. Era o caso dos três ginásios de Atenas: um se encontrava nos jardins de Academo, no sudoeste da cidade; o Liceu era ao nordeste, nos arredores das fontes de Erídano; e o do Cinosargo estendia-se da parte sudoeste do subúrbio em direção a Ilissos³. Em Tebas, em Corinto e em Élis acontecia o mesmo. Razões práticas e religiosas explicam a localização primeira dos ginásios. Consagrados inicialmente para as funções atléticas e militares, eles eram essencialmente um local para exercício e treinamento; vastos espaços eram pois necessários para as evoluções dos batalhões militares. Seria possível enxergarmos um campo de manobras no interior de nossas cidades atuais? A paisagem urbana das cidades arcaicas não permitia muito tal tipo de estabelecimento. Muito densos, sem espaços livres, os locais de habitação não deixavam espaços senão para a implantação de alguns templos; nas praças públicas existiam, muitas vezes, somente uma encruzilhada. A água deveria ser fornecida em abundância para os ginásios e não é por acaso que os três ginásios de Atenas eram próximos de três rios.

Essas exigências materiais estavam de acordo com o caráter dos cultos associados aos ginásios: cultos heróicos e muitas vezes funerários, afastados dos locais residenciais, mas instalados em paisagens que igualmente convinham aos ginásios: bosques, fontes, jardins. Nós conhecemos os famosos jardins do herói Academo⁴; Pausânias, chegando a Corinto faz menção aos bosques de ciprestes e ao ginásio de Craneion onde se encontravam o téneno de Belerofonte e a tumba de Laís⁵.

A estrutura arquitetônica destes antigos ginásios era simples e correspondia ao contexto no qual eles se instalavam e às funções que deveriam assumir. Pistas e locais de exercício eram ao ar livre, entre as árvores e os bosques;

2 Parte III , cap. II – “Le gymnase dans la cité”.

3 Sobre estes ginásios de Atenas - Judeich, W. *Top.von Athen*, 2ª ed: 412-414; 422-424.

4 Picard, C. *Dans les jardins du héros Académus* (Institut de France, publicações de diversos pesquisadores, n.º 15, 1934: 45-70).

5 Pausânias II. 2. 4.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		3 de 16									

poucos edifícios serviam de vestiário e abrigavam as indispensáveis duchas de banho; as capelas, ou melhor, os altares exprimiam o caráter religioso do sítio. Os textos, mais do que as escavações, permitem evocar a paisagem destas primeiras instalações. Para todos os autores do V e IV séculos a.C., a evocação do ginásio está ligada a uma visão de parques, jardins, água corrente e fontes, atividades saudáveis. Escutemos Aristófanes: “sempre que brilhante e fresco como uma flor, passarás teu tempo nos ginásios, longe das conversas espinhosas, desregradas e caóticas da ágora, sem te afobar com um pequeno caso de patifaria, rabugice e contestação. Tu descerás à Academia para tomar teu curso sob as oliveiras sagradas, corado de pequenas rosáceas, em companhia de um amigo da tua idade, sentindo a salsaparrilha, a indiferença e o álamo branco que perde seus engastes, tudo ao gozo da primavera quando o plátano tagarela com o olmeiro”⁶. Era a obra de Cimon que tinha transformado o local “dessecado e árido da Academia em um parque magnífico, com águas abundantes, dotado de junções com sombra para uma caminhada e pistas agradáveis para a corrida”⁷. No exílio ou em viagem, os heróis dos poetas trágicos evocam os verdes dos ginásios e suas águas efervescentes⁸. Platão e Aristóteles, em seus projetos de cidade ideal não concebem senão ginásios suburbanos em locais irrigados e verdejantes⁹.

O enriquecimento das funções dos ginásios – em particular das funções intelectuais – e a evolução das cidades, modificam esta concepção no decorrer do século IV a.C. e fazem com que a localização dos edifícios de ginástica seja no interior das aglomerações urbanas; eles se tornam cada vez mais estreitamente integrados ao plano urbano. Nas plantas jônicas, a localização dos ginásios tem o mesmo peso que o da ágora. Mileto, Alexandria, Megalópolis dão a ele um local de destaque; o centro educativo formado pelo ginásio reúne os centros administrativos da cidade.

No século II a.C., os dois novos ginásios de Atenas localizam-se *intra-muros*; o mesmo acontece em Esmirna, Nicéia, Cólofon, que dentre outros exemplos introduzem estes estabelecimentos no interior das cidades. Novas condições funcionais e arquitetônicas provocaram esta evolução. Tornando-se centro da vida intelectual, desempenhando o papel de universidade, estreitamente associado à vida pública, o ginásio não poderia ficar separado da cidade. Artistas e pessoas letradas, filósofos, retóricos, médicos, garantem nos

6 Aristófanes – *As Nuvens* 1002-100.

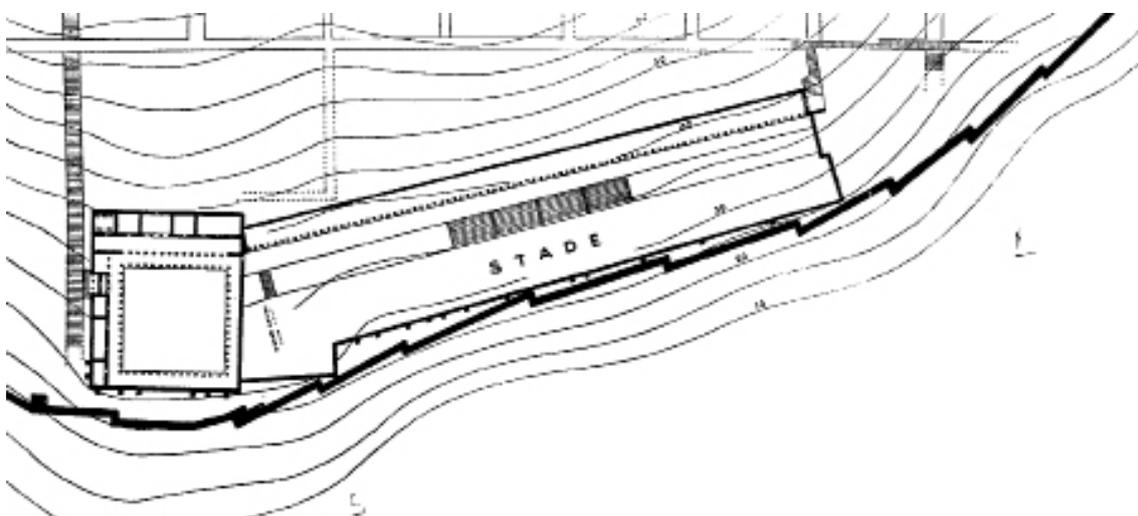
7 Plutarco *Cimon*. 13.

8 Eurípedes *As Fenícias*, 358; *Helena*, 208.

9 Platão *Crítias*, 112; *Leis*, 761; Aristóteles *Política*, 1331.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		4 de 16									

ginásios um verdadeiro ensinamento, ao mesmo tempo em que proporcionam recitais, conferências e leituras públicas; bibliotecas neles se instalam; Cós tinha uma biblioteca interligada ao ginásio, tal qual Teos¹⁰; aquela de Cós tinha seu catálogo metodológico; ao lado da literatura, as obras científicas e técnicas constituíam um belo conjunto¹¹. Exames e concursos tinham lugar nas salas do ginásio, um ginasiarca de Priene organizava as provas de um concurso “com base em matérias de ensinamento filosófico”¹². Se a ginástica continuava a ser a atividade essencial do ginásio, o ensinamento tinha suplantado os exercícios de ordem militar¹³. O ginásio tornou-se um organismo essencial da vida urbana.



A nova estrutura dos planos urbanos tinha facilitado sua admissão entre os grandes centros monumentais da cidade. Na época helenística, o ginásio apresentava uma característica arquitetônica definida. A figura 61 diz respeito à planta do ginásio de Priene, com seus elementos essenciais nos séculos III e II a.C., anterior a toda transformação romana. Ela compreendia a oeste a palestra: um pátio quadrado com peristilo (34 x 35m.), cuja orientação estava de acordo com as grandes divisões do plano ortogonal; os pórticos eram simples nos lados leste e sul, com quartos a norte e a oeste que eram duplos, ao norte para proteger as salas contra os ventos mais violentos¹⁴. Acedia-se depois a uma pequena rua a oeste, por um propileu monumental. Após atravessar este portal, o visitante penetrava no pórtico ocidental, ele tinha a sua direita três salas com finalidades práticas, talvez os vestiários; à esquerda, uma *exedra* largamente

10 *Rivista di Filologia*, 1936: 40.

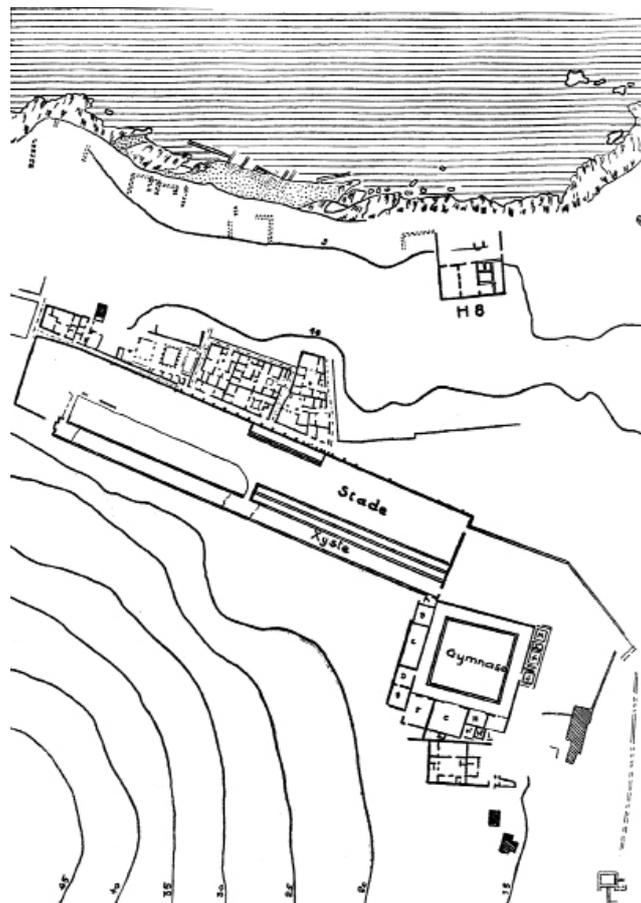
11 *Idem*, 1935: 214 sq.

12 *Inscr. von Priene*, 113, I. 28-29; 114, I. 21.

13 Launey, M. – *Recherches sur les armées hellénistiques*, II : 813 e seguintes.

14 Vitruvius .*Da Arquitetura*.V. 11.

aberta e sustentada por um par de colunas. No lado norte, seguindo uma regra praticamente constante, observada na arquitetura doméstica, alinhavam-se as salas importantes: o *loutrón*, sala de duchas, cuja instalação era mais ou menos luxuosa; depois, a grande sala, efebica ou *exedra* dos efebos, sala de cursos, de conferências, de estudos. Ela media, neste caso, 9 X 6,60 m, mas podia receber proporções maiores como em Pérgamo, onde ela era feita nos mesmos moldes de um *auditorium* com degraus. Em seguida, vinham novamente as salas de uso prático. No lado leste deste complexo, ao qual sem dúvida deve-se dar o nome de palestra¹⁵, estendiam-se as pistas, em particular o *xystós* ou pista de treino, coberta por um pórtico de uma profundidade de 7,75 m. e do comprimento de um estádio (cerca de 191 metros); num nível inferior, estava disposto o estádio, com uma largura de 18 m e com o mesmo comprimento (191 m), reservado para as competições; o desnivelamento de 5 m favorecia a instalação das arquibancadas para os espectadores. O ginásio de Priene apresenta os elementos essenciais do plano mais difundido. Com algumas variantes, o plano do ginásio de Delos é comparável (fig. 62).



15 Inúmeras discussões existem sobre o sentido exato desta palavra, que designa tanto um edifício independente quanto um parte do ginásio (*Real Encycl. s. v. Palaistra*).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		6 de 16									

Como este edifício foi introduzido no plano urbano e quais foram suas relações com outros centros monumentais da cidade? Instalado no interior da cidade, o ginásio perdeu alguns de seus aspectos pitorescos; produziu-se uma concentração de edifícios em torno do nó central que constituía o pátio em peristilo; o quadro de verdor da época clássica foi mutilado para poder ser confinado no interior dos pórticos contínuos; sem dúvida as árvores eram ainda plantadas nos pátios; em Pérgamo, elas enfeitavam diversos terraços; mas a regulamentação geométrica dos planos jônicos impôs sua marca aos edifícios, que deviam se submeter ao loteamento de terras. O procedimento das regulamentações foi idêntico ao da ágora; os arquitetos recorreram à junção de pórticos com contornos precisos, que delimitavam as superfícies de forma análoga às casas de um tabuleiro de xadrez. Uma dificuldade subsiste pela necessidade de respeitar o comprimento das pistas; elas se estendiam sobre diversas *insulae*, por vezes ao longo de uma grande rua, como em Alexandria ou Mileto, por vezes na periferia, ao longo de um muro, como em Priene. As palestras em si mesmas não comportavam nenhuma dificuldade, muitas vezes, elas duplicavam no interior de uma cidade um ginásio completo, refeito em suas bordas externas (Priene, Mileto). A adaptação perfeita às linhas do plano foi realizada em Nicéia onde, de acordo com Estrabão¹⁶, o ginásio era tão habilmente disposto no coração da cidade que, a partir de uma pedra situada em seu centro, via-se as quatro portas da construção. Houve aqui uma notável exceção, que revela a vantagem da estética romana sobre os costumes gregos.

Este centro “cultural” era frequentemente pensado de maneira isolada, independentemente de outros conjuntos. Em Priene, ele constituía uma massa isolada, como a ágora e o templo de Atenas, em níveis diferentes; mas, por vezes, ele era associado a outros conjuntos, santuários ou ágoras. Em Mileto, os ginásios eram vizinhos de grandes praças públicas; em Siracusa, um ginásio desenvolveu-se em torno da tumba de Timoleonte, ele mesmo situado sobre a ágora¹⁷; uma causa comum pareceu agir sobre a localização destes dois conjuntos. Em Megalópolis, o ginásio constituía a face ocidental da ágora, associação que resultou de uma vontade sistemática de agrupar os grandes centros da vida pública numa mesma região (fig. 63); é possível que um arranjo idêntico tenha sido realizado em Mantinéia, Sicione, Cólofon e, mesmo, em Atenas, onde o Ptolemaion é próximo da grande praça do Cerâmico. Uma semelhança de funções pode ter provocado estas aproximações, a ágora, num período muito

16 Estrabão XII. 565.

17 Plutarco *Timoleonte*, 39.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<h2>O Urbanismo na Grécia Antiga</h2>	Fev / 2010
labeca		7 de 16									

antigo, era dotada de funções agonais.



A evolução de suas estruturas arquitetônicas não era sem similitudes, ainda que o ginásio tenha feito um emprego sistemático do pátio com peristilo, o qual não tinha senão desempenhado um papel secundário e tardio nos planos da ágora. Esta evolução sofreu a influência profunda dos planos urbanos ortogonais que impuseram a concentração dos edifícios em uma superfície limitada e os fizeram passar de um estado de dispersão disforme a uma estrutura unificada e orgânica.

Dentre os edifícios que uma cidade digna deste nome não deveria deixar de haver, Pausânias cita, o teatro. Mas há uma grande distância entre as origens modestas do teatro arcaico às construções suntuosas de época romana; evolução lenta, progressiva, cujas etapas não são conhecidas com precisão. Malgrado os inúmeros estudos gerais ou particulares¹⁸, a história arquitetônica do teatro grego não é perfeitamente clara; muitos edifícios são ainda mal conhecidos porque a exploração resta inacabada ou a publicação é insuficiente.

¹⁸ Estudos de conjunto: M. Bieber, *History of the Greek and Roman Theater*, Princeton, 1939 (ilustrado); H. Bulle, *Untersuchungen an griechischen Theatern (Abh. Bayer. Akad., 33, 1928)*; A. W. Pickard-Cambridge, *The Theatre of Dionysus in Athens*, Oxford, 1946. Monografias particulares de E. Fiechter sobre os teatros de Atenas, do Pireu, de Tera, de Erétria, entre outros.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		8 de 16									

Se, para tentar uma nova síntese, é necessário aguardar as publicações mais completas, o papel do teatro na paisagem urbana, pode, entretanto, ser definido independentemente dos detalhes de sua estrutura. Ele é um edifício essencial em toda cidade e, frequentemente, ele constitui, nas ruínas enterradas ou na superfície, o único conjunto monumental que engendra a imaginação. Que seria do sítio de Mileto sem o seu teatro? Resta, nos flancos da acrópole de Pérgamo, uma única ruína que desenha a escada dessa arquitetura. O teatro ocupa, mais comumente, um lugar original dentro do sítio urbano, sem relações regulares com os outros elementos do plano.

Esta situação excepcional do teatro resulta de suas origens e das necessidades construtivas que imperaram até as transformações que ocorreram com a introdução das técnicas romanas. Suas origens são bem humildes, já que sua aparição, no decorrer do século VI a.C., se reduziu a uma esplanada, às vezes lajeada, mais frequentemente de terra batida, onde tinham lugar os coros das cerimônias de culto dionisíaco; um altar de Dioniso ocupava o centro, que ficava na orquestra posterior. Os espectadores se amontoavam em torno deste local de dança, seja sobre andaimes de madeira, seja sobre as encostas do terreno circundante. Assim, um teatro se desenhava, associado ao local de culto ou a ágora, utilizando um terreno geograficamente propício. Em Atenas, as representações ocorriam inicialmente na ágora. Uma catástrofe – o desabamento das *ikría*, instalações de madeira, em 498 a.C.¹⁹ – determinou sua migração para o santuário de Dioniso, nos flancos do lado sul da acrópole. O solo foi nivelado para formar a orquestra e os espectadores encontraram um terreno favorável para apoiar seus assentos de madeira nas encostas que se juntavam ao rochedo de Atena. Este foi o embrião do teatro, cujos vestígios ainda ornamentam aquela região de Atenas. Somente a esplanada foi inicialmente construída com material durável; os edifícios para o ator, inicialmente único, eram construídos em madeira; o nome mesmo de *skéné* que, por sua vez, designa estas construções, faz supor que primitivamente elas eram de pano. No final do século V a.C., um longo pórtico e algumas fileiras de bancos em pedra dão pistas da evolução arquitetônica que ainda não está fixada, mesmo em época romana, pois a disposição do proscênio, cujos fragmentos encontram-se atualmente no local, é atribuído à generosidade do imperador Nero. Até o final do século IV a.C., as instalações em madeira eram ainda utilizadas; a “petrificação” das diversas partes do teatro não foi plenamente realizada senão por Licurgo. A evolução que vemos nos traços gerais do teatro de Atenas repetiu-se em muitas cidades.

¹⁹ Sobre a data e o lugar deste acontecimento ver – *Revue de Philologie*, 1956.

	O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		9 de 16

Foi necessário esperar o final do século IV a.C. para que as diversas partes dos edifícios, chamadas *skenai*, fossem construídas em pedra; mesmo sua estrutura não estava absolutamente assegurada; há muitos escritos sobre as relações entre a orquestra e os edifícios cenográficos, sobre o lugar exato onde se encontravam os atores, sobre a forma e a estrutura do *logéion* e do proscênio. Tenhamos em mente que a evolução mesma do gênero dramático provocou uma independência cada vez mais nítida do proscênio e da orquestra; é incontestável que a maior parte dos teatros helenísticos apresentam uma plataforma elevada. Mas, arquitetonicamente, a unidade, entre as construções cenográficas e o auditório ou *cavea*, jamais será realizada nos teatros gregos; os degraus mais ou menos semi-circulares são finalizados em cada extremidade por um alto muro de sustentação que deixa uma passagem livre, o *párodos*, entre as construções de cena, munidas ou não de *paraskénia* (projeções do cenário) e do auditório.

Esses constituem, no teatro grego, o motivo arquitetônico essencial, do qual sobressai toda beleza e poder de expressão, como no de Epidauro, construído no século IV a.C. pelo arquiteto Políclito, o jovem, no dizer de Pausânias; foi este mesmo que fez os planos do célebre *thólos* do santuário de Asclépio (Pl. XXXII). Qual seja a forma primitiva do *koílon*, semi-circular ou quadrangular²⁰, no século IV a.C., quando as instalações são construídas em materiais duráveis, o tipo é fixado; ele se apóia em uma encosta natural, sobre os flancos da acrópole ou de uma colina favorável, e é intimamente ligado à geografia do terreno. Geralmente, o flanco da colina é entalhado de forma a desenhar um semi-círculo cujas extremidades são escoradas por muros de sustentação, a *análemma*; a curva é ligeiramente irregular e se abre nas extremidades para facilitar as circulações internas; ela não é, pois, desenhada sobre um único raio a partir de um centro; nós temos vários centros e os raios alongam-se para as partes extremas; detalhes que são imperceptíveis ao olhar e que não se revelam senão pela medida.

Esta necessária relação do teatro com uma encosta favorável torna-o independente do plano urbano. Na medida do possível, o teatro permanece no interior das cidades; não se hesita nem mesmo em implantá-lo entre os locais de habitação se o terreno a isto se presta, frequentemente envolvendo trabalhos de grande monta, seja para escavar a colina, como em Corinto, seja para reforçar e alongar as sustentações, como em Delos. Esta implantação do teatro no coração

²⁰ C. Anti, *Teatri greci arcaici*, 1947, crê poder restituir um plano quadrangular da orquestra e do *auditorium* em vários teatros antigos. Se os vestígios possibilitam esta hipótese mais ou menos correta para o teatro de Siracusa (p. 85-106), a demonstração permanece muito duvidosa para as demais, particularmente para a de Atenas.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		10 de 16									

da cidade não é sempre realizável e vemo-lo emigrar para a periferia, como em Mileto, ou mesmo para o exterior como em Pérgamo ou Aspendos. Nos planos em quadriculado, há frequentemente alguma dificuldade em respeitar, para o teatro, a orientação geral do plano; em outros, a forma circular do *auditorium* e o desenho retangular das *insulae* estão em contradição aparente. Os arquitetos estavam conscientes destes problemas; eles encontraram, no plano monumental, a mesma dificuldade que experimentaram para concentrar nas linhas de um retângulo regular, o *auditorium*, das salas do conselho ou da assembléia. Em Priene, eles conseguiram adaptar o teatro, harmonizando a direção dos muros da *skéné* e das sustentações com a forma e a superfície de uma *insula*, e, assim, respeitar as orientações do plano. Isto não foi possível em Mileto pois a colina não se prestava a tal; os eixos do teatro são oblíquos em relação às direções principais; o edifício é jogado contra o muro. Situações similares são conhecidas em Tasos e Erétria. Em Cnido, o teatro é transportado para os limites da aglomeração regularmente desenhada, ao sopé das últimas encostas da acrópole; ele está fora das *insulae*, mas se adapta às linhas gerais do sítio (Pl. XXXI 1).

A submissão do teatro às possibilidades do sítio não impede de se procurar a orientação sul que é realizada sempre que possível. Esta ligação do teatro com o terreno coloca em questão uma característica importante da concepção arquitetônica dos gregos, já reconhecida na implantação dos templos e que encontra sua perfeita expressão em Pérgamo: a composição arquitetônica integrada à paisagem. A questão da visão tem uma forte presença; do teatro, o cidadão frequentemente enxerga toda a cidade, como em Priene, Alinda, Éfeso; os limites da visão estendem-se sobre a planície ou ao mar, até os limites da cidade; o teatro se apaga, desaparece na paisagem e, ao mesmo tempo, engloba esta última pela visão que se tem da mesma nas escadarias do teatro.

Esse tipo de servidão imposta aos construtores nos explica porque o teatro raramente entra numa composição de conjunto, agrupado com outros edifícios. Entretanto, algumas exceções são interessantes para o urbanista. Em Megalópolis, fundada e construída na primeira metade do século IV a.C., ainda que o plano jônico não pareça ter sido espontaneamente aplicado, os princípios de especialização determinaram a instalação dos centros públicos em um feliz agrupamento ao lado das margens do Helisson. Megalópolis foi uma cidade autônoma e a capital federal da liga arcádica; os organismos federais (teatro, sala da assembléia, cultos comuns) foram estabelecidos ao sul do rio, enquanto que os centros municipais (ágora, ginásio, santuários) foram dispostos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		11 de 16									

em frente à margem norte²¹. A disposição do sítio permitia apoiar o *koilon* do teatro sobre os flancos de uma colina paralela ao rio; ele estava reservado para as assembléias federais e servia de lugar para as festas comuns das cidades arcádicas; ele foi estreitamente associado à grande sala do hipostilo, o Tersílio, onde existiam as assembléias permanentes; as danças não exigiam senão uma orquestra; o edifício cenográfico foi substituído pela fachada monumental do Tersílio, composta de um longo pórtico de colunas, que dava acesso pelo intermédio de cinco passagens à grande sala (65 x 53m) cujo telhado de quatro vertentes era sustentado por colunas dispostas em cinco retângulos concêntricos. O teatro, em si mesmo, tinha dimensões consideráveis; o diâmetro da *cavea* atingia 145 m. Quando as representações teatrais pediram maior extensão, a unidade arquitetônica primitiva foi quebrada e uma *skené* foi intercalada entre a orquestra e a fachada do Tersílio; ela era inicialmente em madeira e móvel; os traços de deslizamento são reconhecidos; esta *skené* estava colocada em um longo edifício (31 m) que ocupava o *párodos* ocidental²². Em época romana, ainda que o Tersílio tenha perdido sua razão de ser, tombando em ruínas, uma *skené* de pedra foi construída.

Uma associação idêntica do teatro e do centro cívico foi realizada em Mantinéia e sem dúvida em Tegéia²³. Em Mantinéia o teatro fechava a extremidade ocidental da ágora. Os habitantes das duas cidades fizeram uma prova de originalidade libertando-se das servitudes topográficas e construindo deliberadamente seus teatros em plena cidade, sobre um terreno plano; o *koilon* apoiava-se sobre poderosas terraplanagens, inteiramente artificiais, apoiadas por um muro de sustentação semi-circular cuja altura deveria ser de cerca de 12 m em Mantinéia. A implantação do *koilon*, que descreve aproximadamente uma semi-circunferência de 33,50 m de raio é sem dúvida contemporânea ao traço do plano e da ágora do século IV a.C. Malgrado as recomposições tardias que desenharam uma construção cenográfica que cortava a perspectiva da praça pública, este motivo é interessante pela associação monumental excepcional dos edifícios às funções circundantes e ao mesmo tempo diferentes, que rompe com as estruturas puramente individuais e funcionais que nós estamos acostumados a encontrar na mesma época; ele é revelador das pesquisas esporádicas às quais se dedicavam os arquitetos gregos antes mesmo do desenvolvimento de

21 Gardner, Richard, *Exc. At Megalopolis*, p.17 e seguintes.

22 Sobre este dispositivo e outro comparável em Esparta, H. Bulle, *sitzungsber, Bayer, Akad.*, 1937, p. 10-17.

23 Sobre Mantinéia, G. Fougères, *Mantinee et l'Arcadie orientale*, p. 165, sobre Tegéia, R. Vallois, BCH, 50, 1926, p. 168, pr. V-VI.

	O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		12 de 16

uma estética puramente monumental como em Pérgamo.

A lição que vem de Pérgamo não deve ser perdida. Nos planos helenísticos e romanos o teatro tornou-se uma peça fundamental de vastos conjuntos, dos quais retiramos as características: Éfeso, Palmira e Gerasa são os melhores exemplos. A leste, como a oeste, as cidades romanas integraram definitivamente o teatro ao plano urbano²⁴. Esta assimilação foi possível devido a duas transformações que livraram o edifício de sua servidão topográfica. Foi inicialmente efetuado um trabalho de unificação do plano em si mesmo: auditório e *skéné* foram reunidos em uma mesma estrutura com o desaparecimento dos *párodoi* e a orquestra foi reduzida a um traçado semi-circular. De outra parte, o emprego da abóbada permitiu reduzir os trabalhos consagrados às fundações necessárias ao auditório. As terraplanagens artificiais foram substituídas por um conjunto de passagens abobadadas que, cada vez mais, asseguravam a circulação interior e aumentavam as possibilidades de extensão. Tornando-se um edifício com contornos precisos e limitados, independente de toda ajuda exterior, o teatro se apresentava tal qual o fórum, inteiramente fechado em suas colunas, como um elemento disponível e flexível, capaz de se encaixar em múltiplas combinações monumentais, características do urbanismo romano.

Conclusão

Se ao final deste estudo nós tentamos definir as características do urbanismo grego, ele nos aparece inicialmente como uma planta original, saída da terra natal, nascida das condições históricas, geográficas e políticas que determinaram a formação das cidades helênicas. A estrutura arquitetônica das cidades gregas é construída à imagem de sua estrutura política; constituindo uma comunidade fortemente centralizada, sedenta de assegurar sua independência e sua autonomia num quadro geográfico muito limitado. A cidade grega deu nascimento a um tipo de cidade original, cujos elementos foram se constituindo progressivamente. As contribuições estrangeiras são fracas. O plano ortogonal reticulado nasceu das próprias condições de seu emprego, inicialmente esporádico e limitado a um bairro e posteriormente aplicado a uma cidade inteira; ele não se deu conforme a imitação de um urbanismo estrangeiro, nem ítalo-etrusco, nem oriental. A oeste, os exemplos do plano quadriculado nas colônias gregas revelaram-se impostos por uma topografia particular ou inspirados pelo movimento criativo do século V a.C., vindo da Jônia. Este movimento não deveu

²⁴ P. Frézouls, *Annales du service archéologique de Syrie*, I. 1951, p. 20 e seguintes.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		13 de 16									

nada ao Oriente que propôs tipos de cidades muito diferentes. Este plano teve nascimento na capital econômica e intelectual da Jônia; ele materializou um crescimento de tendências manifestadas desde o século VI a.C. nas colônias milésias; ele exprimiu no quadro urbano as ideias defendidas pela escola filosófica jônica. O plano reticulado nasceu da junção das atividades práticas com as especulações filosóficas e políticas sobre a composição ideal da cidade.

De um tal nascimento resultou o aspecto essencialmente prático deste tipo de cidade traçada com cordel, instalada nos quadros regulares de um tabuleiro de xadrez cujo módulo era constituído por uma “ilhota”. Por sua clareza e facilidade de realização, este plano respondia a um certo pragmatismo do espírito grego. As condições históricas favoreceram sua expansão. Todos os movimentos de conquista militar, acompanhados da fundação de colônias em países estrangeiros, adaptaram, em todas as épocas, este plano reticulado que respondia às diversas necessidades da instalação: segurança, rapidez, comodidade e simplicidade do traçado - esses eram os elementos determinantes de seu sucesso. Não é pois espantoso que as conquistas macedônicas e a expansão selêucida tenham, antes da intervenção romana, concedido um favor a esse plano. Nós já havíamos discorrido sobre os locais onde a influência selêucida se fez sentir, em todas as criações urbanas que levaram para o leste a influência do helenismo. Eis aqui uma primeira contribuição do urbanismo grego aos séculos posteriores. É mesmo possível que esta influência tenha sido exercida em direção ocidental, antes da conquista romana; não será ela que seremos tentados a reconhecer nos planos dos *emporía*, cujas escavações recentes fornecem uma imagem “horizontal” do Mediterrâneo ocidental, em Ólbia ou em Ampúrias? O desenho das instalações remonta sem dúvida ao século IV a.C.; elas são marcadas pela influência helênica. Às necessidades idênticas de segurança e comodidade respondiam formas idênticas; nós as encontramos no plano das cidades-colônia do leste. Por sua vez, em época romana este plano se desenvolveria modificado pelas contribuições itálicas. É penoso fazer aqui uma separação entre as duas correntes de influência que, na origem, não parecem ter nenhuma relação, mas que se desenvolveram seguindo uma marcha paralela.

As condições teóricas e práticas que inspiraram o nascimento do urbanismo grego determinaram seu caráter fundamental: seu funcionalismo. O desenvolvimento de um agrupamento urbano estava estreitamente ligado ao desenvolvimento da comunidade política da cidade; nós podemos seguir a criação progressiva dos elementos necessários à vida em comunidade; os elementos arquitetônicos foram modelados de acordo com as funções que deviam cumprir;

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		14 de 16									

centros religiosos, políticos e administrativos, centros comerciais, orgânicos, nascidos das necessidades orgânicas do grupo. Se certas formas puderam ser imitadas e emprestadas das arquiteturas vizinhas ou anteriores, elas foram assimiladas e modificadas pelas necessidades de suas próprias funções. Este caráter funcional do urbanismo grego era dos mais importantes, pois ele o distinguia profundamente dos urbanismos vizinhos. Nas cidades orientais, saídas de uma tradição hitita ou mesopotâmica, bem como nos agrupamentos itálicos que não podiam ser separados da influência etrusca e, também, nas cidades egípcias, os fatores religiosos eram essenciais; eles exerciam sua ação no momento mesmo de sua fundação, eles determinavam a forma e o traçado das construções, o agrupamento e a relação dos centros monumentais, e mesmo os lugares dos edifícios de culto ou políticos. Estes elementos, sem que fossem absolutamente estrangeiros à cidade grega, não desempenharam senão um papel secundário no desenvolvimento de sua estrutura. Ao longo de nossa pesquisa, nós temos reconhecido a importância deste princípio funcional que resultou, nos planos ortogonais, na especialização das zonas de agrupamento; funções econômicas e comerciais, funções religiosas, funções administrativas, funções de representação. Estes eram os elementos que determinavam as diversas partes do plano, que inspiravam a repartição dos edifícios e estabeleciam suas relações: santuários e ágoras, mercados e portos, ginásios e teatros constituíam os conjuntos monumentais da cidade; eles modelavam os traços originais da cidade helênica. Este princípio funcional exercia uma tal influência no urbanismo grego que ele suplantava inicialmente as buscas estéticas. É importante sublinhar a predominância destes elementos que os urbanistas modernos não se cansam de procurar sob o termo ético. Todo esforço de urbanização arrisca-se a desviar sua meta se ele não respeita a ética do povo para o qual ele é feito. As fórmulas relativamente simples da arquitetura urbana da Grécia antiga permanecem válidas e podem, neste sentido, esclarecer as pesquisas confusas da época contemporânea.

Ética e estética não podem, entretanto, se opor sempre. Se a segunda for, por vezes, deliberadamente sacrificada, como nos planos das cidades coloniais, nós assistiremos a diversas tentativas para introduzir nos planos puramente funcionais uma procura da estética pelo emprego e junção dos aglomerados monumentais. Mas esta conquista foi lenta porque no urbanismo, ela implicava o gosto do grupo, a submissão da forma individual ao quadro geral, uma relação das partes com o todo que não seguia regras na arquitetura grega primitiva ou mesmo clássica. A oposição válida a todas as épocas, entre a tendência pessoal

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		15 de 16									

do arquiteto e as regras imperativas de um conjunto urbano, manifestou-se muito particularmente na arquitetura grega onde ela era fundamentada na procura funcional mesmo que se exercesse inicialmente sobre um edifício isolado. Este era tratado em virtude de sua função própria, sem relação com o estilo, volume ou localização dos conjuntos vizinhos. Encontramos a ilustração mais esclarecedora em todos os grandes santuários da época clássica. Um dos grandes mestres deste tempo, Ictino, o criador do Partenon, era um perfeito representante desta tendência.

O sucesso das características funcionais do plano reticulado não favoreceram o aparecimento de uma estética urbana monumental; a especialização das zonas, o valor prático das construções, levaram a um tratamento puramente linear dos edifícios; as ruas não recebiam nenhuma ornamentação; os santuários e locais públicos fechavam-se dentro das colunas que se modelavam sobre as malhas do quadriculado. Evitava-se, todavia, as impressões muito geométricas e o senso prático dos arquitetos gregos manifestava-se nos efeitos de perspectiva que eles obtinham pela transferência das entradas em direção aos ângulos, suprimindo toda composição axial ou frontal; assim, os jogos de luz e sombra eram acentuados pela posição oblíqua das colunas; mas os conjuntos monumentais e os volumes não estavam separados; vê-se que mesmo nestes planos, os templos fundiam-se nos pórticos, pelo desenvolvimento de um tipo de santuário que era visto em Priene, em Mileto; o templo era engastado nos pórticos circundantes e somente sua fachada se destacava.

Foi necessário esperar a ação dos arquitetos de Pérgamo para que se tornassem mais precisos os traços de um urbanismo monumental. Talvez devido à influência estrangeira, foram eles que introduziram na paisagem urbana um princípio de construção que não era desconhecido na arquitetura grega, mas que se limitava a colocar no local edifícios isolados: a aliança entre a paisagem e a composição arquitetônica, que teve como corolário o desenvolvimento dos conjuntos arquitetônicos. Nós seguimos com detalhes o progresso da arquitetura em Pérgamo, a conquista progressiva da paisagem e sua integração ao quadro urbano pelo desenvolvimento dos pórticos e o tratamento plástico dos muros de aterro; os arquitetos de Pérgamo tornaram-se, assim, os organizadores “de conjuntos” e isto resultou numa estética original e poderosa. Da organização dos conjuntos arquitetônicos, eles passaram naturalmente ao estudo das relações entre os diversos conjuntos, o que definiu a própria estética urbana. Foi assim que nasceu este memorável desenvolvimento urbano, que se expandiu nos séculos posteriores, devido a *pax romana*. Tudo se transformou: a estrutura da

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Urbanismo na Grécia Antiga	Fev / 2010
labeca		16 de 16									

rua tratada como um motivo independente e não mais somente com a função de um corredor de circulação; o desenvolvimento dos arcos e dos edifícios que constituíam as articulações das ruas e limitavam a perspectiva; o estudo das relações dos conjuntos monumentais entre si e sua relação com as grandes ruas colunatas. Um espírito novo modificou a tradição puramente funcional do urbanismo grego. Ele estabeleceu um equilíbrio difícil entre um funcionalismo estrito, rígido e severo e um desenvolvimento ornamental excessivo. Todas as épocas oscilam entre um e outro. Deve-se pensar as realizações anteriores para que nós, contemporâneos, evitemos pesquisas vãs ou hesitações estereis.

A evolução da arquitetura urbana na Grécia antiga nos leva, enfim, a reconhecer na formação da estética e no desabrochar de um urbanismo monumental o “ato arbitrário dos governos”. É curioso constatar que todos os “rebentos” do urbanismo estiveram ligados a condições históricas particulares: os tiranos do século VI a.C., as cidades aristocráticas da Magna Grécia, os príncipes de Pérgamo e os reis selêucidas foram, anteriormente aos imperadores romanos, os grandes promotores do urbanismo monumental e estiveram na origem das criações duráveis que quebraram o estrito funcionalismo dos planos clássicos. Nas cidades dos séculos V e IV a.C., os projetos arquitetônicos eram restritos à expressão da comunidade política e não orientados para a satisfação de necessidades individuais. A comunidade se expressava nos templos consagrados a seus deuses protetores e, num nível inferior, em alguns edifícios administrativos. Foi necessária a vontade pessoal de um Pisístrato e depois de um Péricles para impor aos atenienses grandes realizações arquitetônicas no quadro de suas cidades. Mais tarde, o progresso do urbanismo monumental foi devido aos reis e príncipes que fizeram das capitais a imagem de seu poder e que enviaram subsídios e construtores ao resto do mundo grego para expandir este espírito inovador e criador. Se a Grécia havia deixado como herança somente seu plano quadriculado, ele não ocuparia na história do urbanismo senão um local limitado, devido a seu espírito prático e organizador; ele mereceria mais do que isso, mas é graças aos príncipes e arquitetos que nele trabalharam que se devem as realizações em Pérgamo e Alexandria. Nós devemos a seus desejos de criar um quadro urbano luxuoso esta aliança, tão difícil de realizar na arquitetura urbana, entre uma busca funcional, adaptada às necessidades e uma estética monumental que retira das formas tradicionais do âmbito arquitetônico seus meios de expressão.